

JORNAL-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA: INTERDEPENDÊNCIA SUPORTE E GÊNEROS DISCURSIVOS

Neil Armstrong Franco de OLIVEIRA (PG-UEL/CESUMAR/FAFIJAN)¹

RESUMO: Iniciamos uma investigação do processo de aquisição dos *gêneros discursivos* pelos acadêmicos de um curso de Jornalismo, que tem como suporte um jornal-laboratório semanal. No domínio discursivo jornalístico, são vários os gêneros a serviço do profissional da área. Conhecê-los torna-se prerrogativa para o jornalista no cumprimento do ofício. Quanto ao conceito de suporte, Marcuschi afirma que não pode simplesmente confundir-lo com a situação ou contexto em que aparecem os gêneros, nem o canal por onde são veiculados. Como resultado preliminar, constatamos que os alunos encontram no jornal-laboratório a oportunidade de conhecer e assimilar os gêneros próprios para o jornal impresso.

ABSTRACT: We have initiated the investigation of the process of acquisition of discourse genres with the students of Journalism course, which has as its support a weekly lab-newspaper. In the journalistic discursive domain, there are many genres suitable for the professional of the area. Getting to know all of them becomes a prerogative for the journalist's job. In terms of the support concept, Marcuschi affirms that it cannot simply be mixed with the situation or context in which the genre appear, nor the channel in which they are transmitted. As a preliminary result, we have found out that the students find in the lab-newspaper the chance to know and to assimilate the appropriate genre for written journalism.

O presente artigo é parte de uma pesquisa maior que iniciamos e que procurará investigar a aquisição dos *gêneros do discurso* pelo acadêmico do curso de Jornalismo durante a sua formação universitária. A pesquisa, como parte do nosso doutoramento, tem demandado observações de aulas para diagnosticarmos o encaminhamento teórico-metodológico aplicado aos alunos, bem como acompanhar as produções com base nos mais diferentes gêneros jornalísticos, do informativo ao opinativo. A partir da coleta dos dados, intencionamos analisar as diversas relações possíveis dentro da triangulação professor-aluno-gêneros discursivos no processo de aquisição da escrita jornalística. Sabemos que no domínio discursivo jornalístico, são vários os gêneros a serviço do profissional da área. Portanto, conhecê-los e dominá-los torna-se prerrogativa para o jornalista no cumprimento do seu ofício.

Uma importante ferramenta que entra nesse processo tem sido o jornal-laboratório que, nas faculdades de Jornalismo, buscam aliar teoria e prática, oferecendo ao acadêmico do curso a oportunidade de: i) conhecer os vários gêneros a serviço da profissão e ii) portar-se como jornalista, responsável pelo seu dizer e consciente do papel da linguagem na apuração e comentário dos fatos.

O que procuraremos, nas linhas que se seguirão, é justamente tratar da importância que tem essa ferramenta ou suporte e sua relação com os gêneros discursivos do jornalismo, delineando um quadro contrastivo entre um jornal diário regional, no caso, a *Folha de Londrina*, e o Jornal-laboratório *Matéria Prima*², do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR. Esse estudo pretende averiguar o que existe de semelhante e de diferente entre os dois suportes.

1. Jornal-laboratório: da sua importância para a formação do profissional do jornalismo

O estágio, normalmente, é uma das etapas obrigatórias para boa parte dos cursos de formação universitária. Supervisionado ou não, remunerado ou não, muitos estudantes passam por ele como forma de conhecer o seu campo de atuação na prática. Porém, para determinadas áreas, tornou-se um problema de legislação trabalhista, constituindo verdadeiras fraudes na prestação de serviço por parte de estudantes estagiários. O Jornalismo foi por muito tempo uma das áreas atingidas pelo mau uso do estágio. Em forma de algum tipo de bolsa-estudo, convênio ou qualquer modalidade de prestação de serviço, o que acontecia, muitas vezes, é que nas redações dos jornais, graduandos de jornalismo ocupavam o espaço dos profissionais formados, mediante remunerações simbólicas.

¹ nafoliv@gmail.com

² disponível em <www.jornalmateriaprima.jex.com.br>

Para tentar frear esta prática, foi instituído, no final dos anos 70, o decreto 83.284/79. Em seu artigo 19, ficou expressamente proibido o estágio profissional dos estudantes de Jornalismo. A partir daí, as faculdades procuraram mecanismos para garantir a seus acadêmicos o acesso ao conhecimento da área de atuação antes mesmo de ingressarem no mercado de trabalho. Um desses mecanismos foi justamente os jornais-laboratórios. Embora a primeira justificativa que aqui expusemos sobre a necessidade de alguma forma de contato com a prática jornalística tenha sido a proibição do estágio nas redações, sabemos que para as primeiras gerações de profissionais do Jornalismo com diploma o exercício durante a vida acadêmica praticamente inexistiu. Segundo Lopes (1989) esses profissionais acumularam conhecimentos sobre o dia-a-dia de uma redação, mas não tiveram a oportunidade, ainda como estudantes, de uma prática jornalística. Essa segunda justificativa, pedagógica, portanto, estimulou uma renovação e a implantação dos jornais-laboratórios em vários cursos de Jornalismo pelo país. O próprio autor, para ilustrar a carência de atividades práticas, cita a experiência pessoal de ter redigido a primeira matéria no curso depois de três anos, ainda assim, no exame final da disciplina “Técnica de Jornal”, o que, convenhamos, é muito pouco para quem tem de enfrentar a realidade de escrever vários textos por dia para o fechamento de um jornal impresso. A implantação do jornal-laboratório estimulou uma articulação entre a teoria e a prática. Com o tempo, o jornal-laboratório passou a ser imprescindível nos cursos de Jornalismo. Tanto que uma das conseqüências dessa prática pedagógica foi a aprovação de uma resolução por parte do Conselho Federal de Educação que determinou a presença de órgãos laboratoriais nas escolas de Jornalismo. Para o autor supracitado, em seu relato sobre o surgimento do jornal-laboratório,

A renovação do ensino de Jornalismo se dá pela introdução de atividades práticas que reproduzem na Universidade os modos de produção peculiares à comunicação de atualidades. E que preparam os futuros repórteres e editores para a vivência integral dos mecanismos de geração da notícia ou dos comentários, bem como a dos impactos provocados junto a audiência concreta. Sem dúvida alguma, essa alteração pedagógica ocorre a partir da implantação do jornal-laboratório como trabalho sistemático, continuado e veraz dentro dos cursos de Jornalismo (LOPES, 1989, p.11).

Pela sua imprescindibilidade, o jornal-laboratório, com o tempo, deixa de ser mero exercício escolar e passa a adquirir uma importância pedagógica e socialmente relevante. Embora seja uma experiência conhecida mais pela comunidade acadêmica, muitos jornais-laboratórios prestam serviços à comunidade para a qual se voltam. E, sem dúvida, despertam, nos jovens alunos-jornalistas, o sentimento de sujeitos do seu dizer, responsáveis pela informação e pelos comentários dos fatos que os cercam no dia-a-dia.

2. O Jornal-laboratório *Matéria Prima*: do seu surgimento de uma (não) experiência no jornalismo

O jornal-laboratório, para a presente investigação, faz parte do currículo dos estudantes de Jornalismo do CESUMAR. O curso foi criado há pouco tempo, em 1998. Em 2000, foi implantado o Jornal-Laboratório *Matéria Prima* (doravante MP) como instrumento pedagógico a serviço de duas das disciplinas da matriz curricular. Trata-se de um jornal semanário eletrônico de responsabilidade dos alunos do 3º ano do curso, sob orientação da professora titular das disciplinas Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística II e Preparação e Revisão de Originais. Segundo a professora das duas disciplinas, os alunos têm, neste momento, a oportunidade de assumir a postura de jornalista, na prática com a linguagem, no contato com os gêneros textuais e com o leitor. Como proposta didática, os alunos precisam cumprir várias funções pertinentes à profissão (editor, editorialista, repórter, entrevistador, cronista, crítico, comentarista, articulista, colunista, e, eventualmente, fotógrafo) e são avaliados na disciplina pelo desempenho nessas atividades. De acordo com o projeto do jornal, mantêm-se todas as características do meio impresso: textos mais longos e aprofundados para reportagem e entrevista pingue-pongue, padronização e utilização de recursos como chapéu, linha-fina, legendas etc. No entanto, sua veiculação, por questões financeiras, dá-se pelo meio eletrônico, no caso, a internet. Aliás, de acordo com a professora, o jornal-laboratório poderia até correr o risco de ficar no papel, neste caso, só como projeto de disciplinas. A internet foi a solução encontrada para tornar mais ágil a produção e circulação de cada edição semanal.

Em acordo com a legislação (o estágio na profissão não é aceito por lei), o MP é o contato que o acadêmico tem com aquilo que será a sua vida profissional. A proposta do jornal é também um diálogo com os leitores, que podem enviar críticas e sugestões sobre os textos publicados, isto é, um *feed-back* que ultrapassa os limites da sala de aula e da própria instituição.

Curiosamente, a disciplina Preparação e Revisão de Originais nem deveria mais existir. Em outra época, não tão distante assim, quando ainda não dispúnhamos do computador, os alunos tinham que fazer a revisão dos textos em laudas para depois serem impressos nas páginas de um jornal. Do processo manual para o eletrônico, o que a professora titular fez para não descumprir a ementa da disciplina: a correção do texto passou a ser em sala de aula, mas com os mesmos sinais gráficos utilizados na revisão dos textos na era pré-informática. Na prática, não existe a divisão entre as duas disciplinas supracitadas e que deram origem ao jornal-laboratório.

De acordo com relatos da professora, na sua formação universitária existiam também as disciplinas de Técnica de Reportagem. Faziam os textos esporadicamente e só depois o professor afirmava se se tratava-se de um gênero informativo ou opinativo, e ainda assim, conforme seu relato, sem muita precisão no que afirmava. A internalização dos gêneros opinativos ocorreu só depois de ingressar em uma redação de jornal. Vemos, dessa forma, que sua prática pedagógica deve-se basicamente à consciência que criou da importância de oferecer ao jornalista em formação uma prática que ela mesma não teve na época de estudante universitária e que só adquiriu no exercício da profissão em redações de jornais impressos. Em relação à quantidade de edições, segundo ainda a professora, o Jornal MP vai além do que é exigido dos cursos de Comunicação Social pelo MEC. Há uma exigência mínima de oito edições/publicações experimentais, entre jornais, revistas, boletins etc., durante o curso. Só o MP confere aos alunos a oportunidade de trabalharem em trinta e quatro edições. Sem contar que, na matriz, ainda existem outras duas disciplinas em que os alunos produzem textos para o impresso.

3. O conceito de comunidade discursiva e de gêneros discursivos para o Jornalismo

Ao considerarmos o Jornalismo como um campo³ da linguagem de extrema importância para a sociedade moderna cujos profissionais que nela atuam ganham destaque pela necessidade de informar e opinar sobre os fatos que nos cercam no dia-a-dia, não podemos nos imaginar ficar alheios aos acontecimentos diários e que influenciam os rumos de uma pequena comunidade até o destino de uma nação. Daí a preocupação de alguns estudiosos, entre eles jornalistas, cientistas da informação, analistas do discurso, lingüistas aplicados etc. de se buscar maior conhecimento sobre os gêneros discursivos dessa área. Sobre a necessidade da abordagem dos gêneros, Bakhtin já apontava que

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da lingüística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material lingüístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...] (BAKHTIN, 2003, p.264).

Nas linhas acima, dois conceitos merecem destaque na presente discussão sobre a importância de um jornal-laboratório na formação do jornalista: o de *comunidade discursiva* e o de *gêneros do discurso*, e aspectos que estão diretamente ligados a este último: como conjunto de gêneros, por exemplo, dentro da esfera jornalística.

Segundo Bakhtin (2003), os vários grupos sociais possuem sua “forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Esses enunciados atendem a finalidades específicas de cada um desses campos, no que diz respeito ao tema, estilo e construção composicional. Para o filósofo russo,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p.262).

Podemos entender que, como espaço de reflexão e até de refração dos diversos enunciados, o campo é fator condicionador da elaboração do conteúdo temático, no tratamento do objeto lingüístico-discursivo. É

³ A opção pelo termo “campo” em vez de “esfera” não é aleatória. Trata-se de acordo estabelecido pelos integrantes do grupo de pesquisa do qual participamos para a leitura do livro *Estética da criação verbal* com tradução de Paulo Bezerra, após obtermos informações de falhas nas outras traduções da mesma obra.

nele também que se ligam indissolivelmente os diversos gêneros discursivos que entram na dinâmica das relações dialógicas entre os destinatários, dentro de uma organização social.

De acordo com Grillo (2005), a noção de campo surge quando se trata de formação social, com suas manifestações e seus modos de organização. Isso significa afirmar que os gêneros do discurso possuem algumas faces: lingüística, social, ideológica, e que se encontram inter-relacionadas. Para a autora:

A noção de campo (ou de esfera) da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica ou da atividade humana ou da comunicação social ou da utilização da língua ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância sócio-econômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo. (GRILLO, 2005, p.171)

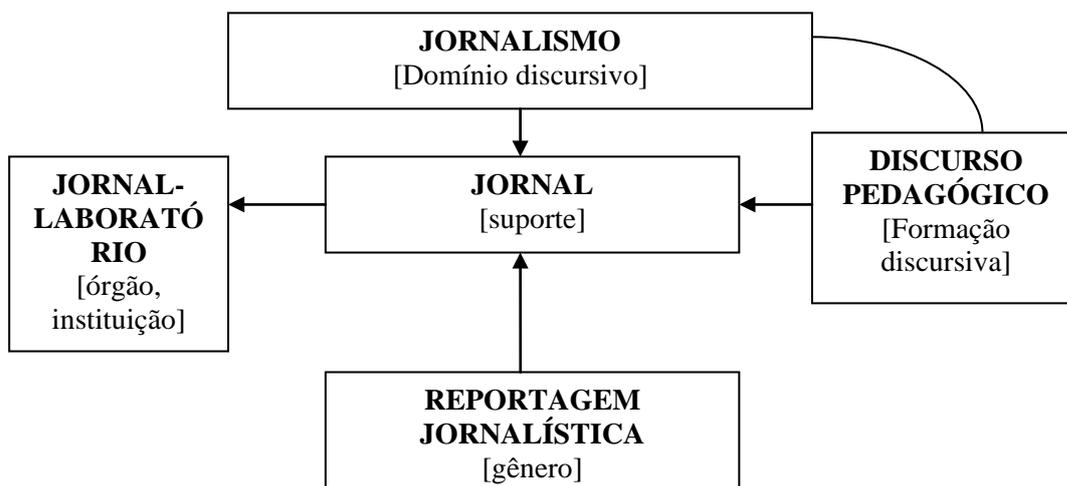
À luz da Sócio-retórica, o conceito de campo de Bakhtin ganha outra terminologia. Swales (*apud* HEMAIS e BIASI-RODRIGUES), com intenções pedagógicas em relação à produção de texto como atividade social, ao considerar um grupo de pessoas que trabalham juntas e possuem um mesmo propósito comunicativo, propõe-nos o conceito de *comunidade discursiva*. Na realidade, Swales faz uma revisão do próprio conceito formulado por ele anteriormente, utilizando alguns critérios para chegar a outro, o de *comunidade discursiva de lugar*, sem desconsiderar a evolução que pode sofrer essa mesma comunidade em relação aos seus propósitos e ao uso dos gêneros.

Segundo Herais e BIASI-Rodrigues (2005), em consonância com a proposta bakhtiniana de campo, a comunidade discursiva de lugar procura levar aos mais jovens as suas tradições e seus valores, a fim de que esses estejam preparados para a utilização dos gêneros nas diversas práticas discursivas próprias da comunidade em que estão inseridos. Essa transmissão de conhecimentos ocorre geralmente a partir da experiência dos mais antigos, oferecendo aos novatos a oportunidade de (re)conhecerem a até reformularem os gêneros específicos da dada comunidade. Talvez aqui, entendamos a importância do jornal-laboratório como uma tentativa de conceder aos alunos em formação a aquisição dos gêneros discursivos do jornalismo com base na experiência do professor-coordenador do jornal.

Para Marcuschi (2003), tão importante quanto o conceito de comunidade discursiva ou *domínio discursivo* (grifo nosso, por ser a opção terminológica do autor), é o conceito de *suporte*. Para ele, o suporte não pode ser simplesmente confundido com a situação ou contexto em que aparecem os gêneros, nem o canal por onde são veiculados. Sem preocupação em esgotar o estudo sobre esse conceito, o autor acredita que a relevância dessa discussão reside no fato de que não há uma neutralidade no uso dos gêneros e sua relação com o suporte. “A *idéia central* é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele”. (MARCUSCHI, 2003, p.7)

Aliás, nessa discussão, segundo o autor, ainda provisória, algo a se destacar é a própria distinção entre suporte e gênero. Só para se ter um exemplo, ele mesmo admite que, em trabalhos anteriores, equivocou-se no tratamento do *outdoor* como gênero, e, numa segunda avaliação, chegou à conclusão de que se tratava de um suporte para gêneros diferentes de domínio discursivos igualmente diversos.

Neste nosso percurso investigativo, os conceitos de comunidade discursiva, gêneros e suporte tornam-se imprescindíveis, pois não podemos ver o jornal-laboratório como uma simples ferramenta pedagógica, a serviço de uma ou duas disciplinas e para o aluno alcançar a sua nota a cada texto produzido. Aproveitando esquema elaborado por Marcuschi (2003, p.7), fazemos algumas adaptações para mostrar a relação direta entre os conceitos supracitados.



Embora o domínio discursivo seja o jornalístico, o jornal possui os seus gêneros específicos, já conhecidos por parte dos seus leitores, e a serem adquiridos por aqueles que se preparam para o exercício da profissão do jornalismo. Conforme o autor,

O jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são em boa medida típicos e recebem, em função do suporte, algumas características em certos casos, tal como o da *notícia*. Aqui situam-se também as *cartas do leitor* e as *notas sociais*, entre outros. No jornal, temos gêneros que não aparecem em revistas semanais, como: *anúncios fúnebres*, *convites para missas de sétimo dia*, *previsões meteorológicas*, *resumos de filmes*, *horóscopo diário* e assim por diante. Mas há outros comuns com as revistas, como *notícias*, *reportagens*, *editoriais*, *receitas culinárias*, *história em quadrinhos*, *charge*, *entrevistas* e assim por diante (MARCUSCHI, 2003, p.12).

O conceito de suporte ainda não ficou bem delimitado, como afirma o próprio autor, mas nos é suficiente para entender que dentro de determinada comunidade discursiva alguns elementos físicos trazem um conjunto de gêneros específicos e que influenciam a constituição do próprio gênero. Só para ficarmos em um exemplo, é o caso do *editorial*. Trata-se de um gênero discursivo do jornalismo, mas que se distingue dependendo do suporte em que se insere. No jornal impresso, é considerado de caráter opinativo, por tratar da voz do veículo de imprensa sobre determinado fato (MELO, 1994). Na revista, o editorial possui cunho descritivo⁴, por fazer uma síntese das matérias que estão presentes na edição, o que não caberia no jornal impresso, já que as principais matérias têm a sua “chamada” já na primeira página.

Aqui destacamos também outro teórico da Sócio-retórica e que traz interessantes contribuições ao estudo dos gêneros textuais e sua relação com a sociedade. Trata-se de Charles Bazerman⁵, que não considera o gênero apenas por suas características textuais, mas também como formas tipificadoras das diversas atividades sociais possíveis. Para ele,

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas o realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2005, p.31)

Na caracterização dos gêneros, sua configuração e enquadramento em organizações, papéis e atividades, o autor propõe outros conceitos que se sobrepõem ao de gênero, “cada um envolvendo um aspecto diferente dessa configuração: conjunto de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades.” (op.cit, p.32)

Em uma mesma atividade profissional ou profissão, é natural que as pessoas utilizem os mesmos gêneros, é o caso da *comunidade discursiva* do Jornalismo, cujos membros produzem, praticamente, a partir de gêneros textuais específicos: notícia, reportagem, entrevista, editorial, artigo etc. A essa coleção dá-se o nome de *conjunto de gêneros*. O jornal-laboratório em investigação possui seu conjunto de gêneros.

Seguindo no exemplo do Jornalismo, além dos gêneros específicos desse domínio discursivo, existem outros gêneros não produzidos pelos jornalistas⁶, mas que entram na composição de alguns veículos de imprensa, é o caso do jornal impresso que ainda serve de suporte para outros gêneros, como carta do leitor, charge, informe publicitário, cupom, classificados etc. e que formam outro(s) conjunto(s) de gêneros. Neste caso, na junção de vários conjuntos de gêneros chega-se a um *sistema de gêneros*, a serviço de pessoas que trabalham em um mesmo ambiente e de forma organizada.

Todos esses gêneros (no seu conjunto e dentro de um sistema) fazem parte de um *sistema de atividades*, e as pessoas de uma comunidade agem por intermédio deles. No caso do Jornalismo, os profissionais produzem as informações e opiniões a cerca dos acontecimentos diários. Já para os alunos-

⁴ Nos teóricos do jornalismo e nos estudiosos da linguagem não há referência alguma sobre o editorial descritivo. Portanto, tal informação sobre o editorial presente nas revistas foi retirada em uma das conversas com a professora informante.

⁵ Professor da Universidade da Califórnia, estudioso que vê os gêneros como formas textuais tipificadas presentes nas várias ações do cotidiano.

⁶ Tomamos a decisão de não entrarmos, por enquanto, em uma discussão até necessária para outro momento, já travada por Adair Bonini, no estudo sobre *comunidade discursiva e gêneros discursivos* do Jornalismo, em que esses conceitos são criteriosamente questionados.

jornalistas, no jornal-laboratório, a produção a partir dos gêneros também busca o cumprimento de uma atividade pedagógica, inclusive para atribuição de nota para disciplinas da matriz curricular.

3.1 Os gêneros discursivos no Jornalismo

Para se ocupar da questão dos gêneros discursivos no jornalismo, Melo (1994) traça um retrospecto histórico, dando ênfase ao editor inglês Samuel Buckeley, no século XVIII, que propôs uma primeira divisão entre os gêneros na esfera jornalística, entre o que era *news* e *comments*, isto é, numa tradução simples, *notícias*, de um lado e *comentários*, de outro. É interessante destacar que depois de dois séculos, para os teóricos do jornalismo, essa dicotomia sofreu quase nenhuma alteração.

Diferentemente da visão bakhtiniana que prevê uma intersecção, uma heterogeneidade entre os gêneros discursivos, e por isso, até certa dificuldade para delimitá-los e enquadrá-los em determinado campo da atividade humana, os estudiosos do jornalismo, numa visão mais utilitária, concebem os gêneros de forma estanque. Gaugurevich (*apud* MELO, 1994, p. 39) trata os gêneros como “formas que busca o jornalista para se expressar”, atendo-se aos limites lingüísticos e estruturais do texto, acreditando, assim, na manutenção da objetividade no tratamento dos fatos. Bonini (2003, p.4), em estudo sobre os gêneros presentes em jornal impresso, destaca que os manuais de redação e estilo e os manuais de ensino, invariavelmente, trazem uma “concepção de gênero como fixo, claramente delimitável e, por isso, passível de ser ensinado como técnica”. Para o autor, “*os manuais de ensino de jornalismo, portanto, pouco podem nos informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal, pois esta discussão não é feita, o conceito de gênero é empregado de modo intuitivo e a variedade abordada é pequena e sempre restrita aos textos mais típicos no meio [...]*” (BONINI, 2003, p.4).

Melo (1994) afirma que, dentre os estudiosos do jornalismo brasileiro, um ou outro preocupou-se com a classificação dos gêneros de forma sistemática. Um desses foi Beltrão, que sugeriu a seguinte divisão:

| |
|---------------------------------|
| a) Jornalismo informativo |
| 1. Notícia |
| 2. Reportagem |
| 3. História de interesse humano |
| 4. Informação pela imagem |
| b) Jornalismo interpretativo* |
| 5. Reportagem aprofundada |
| c) Jornalismo opinativo |
| 6. Editorial |
| 7. Artigo |
| 8. Crônica |
| 9. Opinião ilustrada |
| 10. Opinião do leitor |

Quadro 1 – Classificação proposta por Beltrão, segundo Melo (*apud* BONINI, 2003).

* alguns estudiosos entendem a interpretação da notícia um procedimento opinativo, e assim, dividem os gêneros jornalísticos em informativo e opinativo, apenas.

Segundo Melo (1994, p.59), ainda, “*o critério adotado é explicitamente funcional. Beltrão sugere uma separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar*”. Há, contudo, uma afirmação de Melo que faz essa “teoria” sobre gêneros aproximar-se do princípio de Bakhtin. O autor pondera, mais adiante, que o código não é suficiente para caracterizar um gênero jornalístico. Para ele (p. 61), “*são as circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público*”, idéia reforçada por Rodrigues:

Entre o processo da produção e da interpretação dos enunciados na comunicação jornalística, há o espaço do trabalho de mediação da esfera jornalística, que “regulamenta” as diferentes interações nesse espaço, “filtra”, “interpreta” (impõe um acento de valor) e

põe em evidência os fatos, acontecimentos, saberes, opiniões, etc. que farão parte do universo temático-discursivo jornalístico. O trabalho de seleção e divisão desse universo em cadernos, seções, rubricas e suplementos já é um ato temático, estilístico e composicional, pois esse ato de segmentação, além de selecionar e “rotular” o que pode fazer parte de cada caderno, seção, é um índice de produção e interpretação indispensável dos enunciados individuais e dos gêneros (RODRIGUES, 2005, p.170-1).

O processo de escrita dos textos jornalísticos, independentemente do gênero, quer o jornalista acredite ou não, tenha ciência ou não, pauta-se no princípio bakhtiniano do dialogismo. Quando um jornalista apresenta seu texto ao jornal, será verificado se o *conteúdo temático, o estilo e a construção composicional* (BAKHTIN, 2003) estão de acordo com: a) a imagem que o jornal faz de si; b) a imagem que o jornal faz de seu leitor; c) a imagem que o jornal espera que seu leitor tenha de si (jornal); d) a seção onde será publicado; e) o “já dito” pelo próprio jornal; f) a posição que o jornal tem diante do fato discutido, entre outras coisas.

4. O jornal diário e o *Matéria Prima*: semelhanças e diferenças

Embora ainda não tenhamos definido a metodologia para a pesquisa maior a que nos propusemos realizar, previamente fizemos algumas observações de aulas do curso de Jornalismo da instituição em que trabalhamos, inclusive para o levantamento de informações para a elaboração do projeto de pesquisa. Pudemos constatar com essas aulas, em conversa com a professora responsável pelo jornal *Matéria Prima*, o MP, e até com leitura informal da matriz curricular, que o curso se orienta para o jornalismo impresso, embora contemple disciplinas de rádio e televisão, e também de novas tecnologias. Assim, o que pretendemos na seqüência é fazer uma comparação entre um jornal diário, de circulação regional e o Jornal-laboratório MP, a fim de verificar as semelhanças e diferenças entre os dois suportes, com base nos conceitos até aqui arrolados. O jornal diário escolhido é a *Folha de Londrina*. Essa escolha não acontece de maneira aleatória. Justifica-se pelo fato de a professora informante ser leitora há muito tempo do periódico e, sobretudo, por ter trabalhado nessa empresa por alguns anos.

Segue, abaixo, descrição das funções que devem ser exercidas, em sistema de rodízio, pelos alunos do 3º ano do curso em cada uma das edições do jornal MP, já com a indicação (em negrito) do gênero discursivo que cabe a cada função:

1. Editor: Cabe ao aluno-editor, além de preparar o **editorial descritivo**, colocar todos os textos (já editados, em sala de aula, pela professora titular da disciplina) em um único arquivo, cujo nome corresponde ao número da edição. Esse mesmo nome deve constar na identificação do CD (ou disquete) da edição. O editor deve, ainda, preparar o relatório da edição, no qual devem constar os nomes e as funções desempenhadas por todos os integrantes da equipe; os problemas enfrentados durante a produção da edição; os nomes das pessoas que não desempenharam suas funções etc. Deve entregar todo o material (textos, fotos e pautas), originais e CDs (ou disquetes) devidamente identificados, dentro de uma pasta - também devidamente identificada - ao professor, na data estabelecida no calendário.
2. Editorialista – Um aluno fica encarregado de produzir o **editorial opinativo** da edição (texto de, no mínimo, 30 linhas).
3. Cronista – Um aluno fica encarregado de produzir a **crônica** da edição (texto de, no mínimo, 30 linhas).
4. Crítico – Um aluno fica encarregado de produzir a **crítica** da edição (texto de, no mínimo, 30 linhas).
5. Repórter Geral – (esporte/cidade, educação/cultura, meio ambiente/agropecuária) – Três ou quatro alunos-repórteres ficam encarregados de produzir esses textos, não factuais. (textos de, no mínimo, 30 linhas, duas fontes no mínimo e uma foto cada).
6. Repórter específico: A **reportagem** deve, impreterivelmente, trazer três entrevistados. O assunto deve ser tratado de forma aprofundada. Não é aceito, em hipótese alguma, texto com apenas uma

fonte. As regras para pauta e fotos são as mesmas aplicadas aos repórteres (texto de, no mínimo, 50 linhas. Pode ser quebrado em box, mas o texto principal sempre deve ser maior).

7. Colunista de Moda – Um aluno-repórter fica encarregado de produzir a **coluna** de moda (texto de, no mínimo, 30 linhas, 2 fotos, dicionário de moda)

8. Entrevistador: A **entrevista**, no formato pingue-pongue, deve conter um texto de abertura que apresente bem o entrevistado e resuma alguns pontos da entrevista. As regras para pauta e fotos são as mesmas aplicadas aos repórteres. Mínimo de 10 perguntas.

Em uma análise de algumas das edições do jornal Folha de Londrina, encontramos os gêneros abaixo, sem levar em consideração outros tantos gêneros possíveis, mas que não pertencem exclusivamente ao *domínio discursivo* dos jornalistas (pelo menos não em termos de formação profissional, que é o que nos interessa nessa discussão), e que possuem um caráter mais comercial, institucional, legal etc. como classificados, informes publicitários, encartes, editais, balancetes, obituários etc.

1. notícia
2. nota
3. reportagem
4. editorial opinativo
5. cartas do leitor
6. artigo de opinião
7. entrevista

De acordo com sua linha editorial, neste caso, também pedagógica, o jornal-laboratório MP busca envolver os alunos na cobertura e análise de todos os temas que afetam diretamente o seu dia-a-dia e tenham relação com sua cidade, Estado ou país, observando a aplicação da técnica jornalística e, ao mesmo tempo, a criticidade e o compromisso social. O Jornal procura abordar tanto assuntos locais, o que é comum a um jornal de pequeno porte e de um público-leitor ainda limitado, como também assuntos mais gerais, para poder atrair um maior número de leitores. São vários os gêneros a serviço das funções a serem exercidas no Jornal MP, em uma tentativa de aproximação à realidade de um jornal impresso. A *coluna* sobre moda, introduzida desde a primeira edição do jornal, tem o objetivo dar visibilidade a um segmento bastante forte em Maringá e região: a indústria do vestuário. Acredita-se que, dessa forma, os futuros profissionais se familiarizem mais rapidamente com particularidades da cobertura que envolve esse setor.

Da mesma forma, ao se definir campos de atuação para cobertura jornalística informativa, foram priorizadas áreas como agropecuária, meio ambiente, educação, cultura, esporte, cidades (geral). Personalidades de Maringá e região (eventualmente outras de fora do Estado, em passagem pela cidade) que contribuíram, ou ainda contribuem, com a sociedade nos seus mais variados segmentos têm seu perfil e atuação apresentados por meio de *entrevista* pingue-pongue. A *reportagem* busca retratar, com aprofundamento, temas de interesse geral. A *crítica*, baseada no aprendizado dos alunos sobre a ética e a técnica jornalística, é o único texto que não traz a identificação do autor. Isso se deve ao fato de que em cidades de pequeno e médio porte a crítica à mídia pode não ser bem absorvida pelos veículos de imprensa. O receio de que acadêmicos pudessem sofrer qualquer tipo de represália promoveu a modificação do gênero já existente, normalmente utilizado para a abordagem de assuntos de ordem cultural, literária, artística em geral, nos jornais impressos. Outro motivo para essa (re)criação do gênero é que ele é resultado de sugestão de alunos para que tivessem no MP um meio de colocar em prática algumas informações e conteúdos recebidos em determinadas disciplinas, sobretudo, naquelas que tratam de ética, comportamento, desempenho profissional etc. Trata-se, portanto, de conteúdo que expressa a opinião do grupo, voltado exclusivamente à análise do comportamento da imprensa (impresso, TV, rádio e internet) diante dos vários processos que originam a cobertura jornalística. Os recursos literários permitidos à *crônica* têm, no MP, o objetivo de apurar o discurso jornalístico, estimulando o futuro profissional ao domínio da língua nas suas mais variadas construções: diálogos, narrativas diretas ou indiretas, discursos eloqüentes, entre outros. Diferentemente da maioria dos jornais impressos diários, o *editorial* se apresenta sob dois formatos: descritivo (um resumo da edição, típico dos editoriais de revista). No caso do MP, para dar mais consistência ao material descritivo, a professora responsável propôs aos alunos que a abertura do editorial deve tratar de uma temática atual a qual amarraria às demais temáticas existentes como forma de apresentação do conteúdo da edição. O outro é o de opinião (propondo argumentos para discussão de temas de relevância social). O

comentário se baseia na visão particular, não menos importante, que o aluno tem sobre determinados assuntos – neste gênero a avaliação concentra-se mais na capacidade de observação dos fatos, feita pelo autor.

A começar já pela cobertura – embora o MP só aborde assuntos não-factuais, por ser um semanário, a preocupação com assuntos da atualidade é equivalente. Um jornal diário, como a *Folha de Londrina*, normalmente identifica bem as potencialidades da sua região e destina uma cobertura diferenciada a essas áreas. No MP faz-se o mesmo. Existem nele as editorias de Moda e Agronegócios, pois a região de Maringá é potencialmente interessante nessas duas áreas e o MP procura não ignorá-las.

Ambos se assemelham ainda na questão da periodicidade – o jornal diário circula de domingo a domingo (temos conhecimento de alguns diários não terem edições de segunda-feira). Até onde pesquisamos, o jornal-laboratório não deixou de “circular” uma única edição – exceto as programadas, devido aos feriados, recessos e férias acadêmicos etc.

Na *Folha de Londrina*, as editorias são fixas, no MP também. Quando há chance de se abordar algum assunto fora das áreas contempladas pelo jornal, espaços alternativos são criados. Conforme a professora, no caso do MP, é até mais fácil, porque independe de custos adicionais.

Quanto ao suporte, os jornais se aproximam e se distanciam ao mesmo tempo. O MP, apesar de eletrônico, baseia-se no impresso, a começar pelo tamanho dos textos. São trabalhados títulos, linhas-finas e legendas com tamanhos pré-determinados - como é feito nos jornais impressos. O meio eletrônico, segundo o próprio projeto do MP, é usado apenas para garantir a produção de um maior número de edições, o que seria praticamente impossível se dependesse de gráfica, porque a Instituição de Ensino não conta com esse recurso. E ainda assim, no impresso, haveria necessidade da participação de outras disciplinas, como Planejamento Gráfico (diagramação) e de Fotografia.

Os dois jornais se diferenciam no que se refere à forma como o leitor é atraído. Enquanto em um diário, como a *Folha de Londrina*, o leitor é quem vai atrás da informação, no MP, as informações são enviadas ao leitor. Isso é estratégico, porque dificilmente conseguir-se-ia fazer o leitor vir até o jornal. Por isso, procura-se estimular a leitura com o envio da *newsletter*. Pela *newsletter*, levam-se até os leitores, via *e-mail*, as chamadas e dá a eles a opção de acessar as matérias pelo próprio correio eletrônico, sem ter de ir para o *link* do jornal, disponível no site da Instituição. Em um jornal diário, o leitor precisa ser assinante para receber o jornal em casa ou, então, ir a uma banca de revistas para comprar o seu exemplar. O sistema de *newsletter* do MP é interessante ainda porque permite ao leitor decidir se quer ou não continuar recebendo o jornal. Aqueles que pedem o descadastramento deixam de receber o MP automaticamente. É uma maneira, segundo a professora, “bem democrática de oferecer informação aos leitores”. Ainda para ela “como o MP não visa lucro – também ao contrário dos jornais diários – não nos interessa ter leitores em quantidade, mas em qualidade: gente que possa ler e comentar nosso conteúdo”.

Aqui outra semelhança entre os dois jornais: a *Folha de Londrina* tem, na página dois, a seção *cartas do leitor*, espaço que o interlocutor do jornal possui para expressar sua opinião sobre algum fato veiculado ou não em edição anterior do jornal. Já no caso do MP, há, a cada edição, a oportunidade de seus leitores também se manifestarem acerca de qualquer conteúdo veiculado naquela edição. Essa “carta do leitor” no MP entra na composição da edição seguinte do jornal.

5. Resultados parciais

Dessa discussão, considerada ainda inicial, podemos chegar a algumas constatações acerca do jornal-laboratório como ferramenta/suporte para a formação de futuros jornalistas.

Do que foi possível até agora fazer em termos de leitura e observação (matriz curricular do curso, aulas das disciplinas envolvidas com o Jornal MP, conversas com a professora responsável pelas disciplinas e pelo jornal etc.), podemos afirmar que o trabalho realizado com o apoio do jornal-laboratório parece coerente com a necessidade de os alunos terem a oportunidade de produção escrita que se aproxima da realidade do exercício do jornalismo. Consideramos o MP como suporte ideal para o aprendizado e a prática dos futuros jornalistas, que podem associar a teoria à prática, voltando-se para a própria comunidade, a partir de gêneros discursivos diversos no tratamento dos temas regionais e universais. Consideramos até que a adoção do jornal-laboratório poder-se-ia dar já em séries anteriores, em uma tentativa de o aluno praticar a escrita jornalística mais no princípio do curso. Segundo conversa com a professora informante, essa idéia já é proposta na reformulação da matriz curricular do curso.

Quanto ao paralelo que traçamos aqui entre os dois suportes (ver Quadro 2), fica evidente certa semelhança entre os dois, no que diz respeito à presença de alguns gêneros discursivos, pois, conforme já dissemos, o MP tem por base o jornalismo praticado nos jornais impressos. A diferença entre eles é mínima

quanto a um ou outro gênero, por fatores já expostos acima (a matriz do curso contemplando mais o jornalismo impresso, as ementas das disciplinas contemplando os gêneros do impresso, a experiência da professora em redações de jornal etc.). Para melhor visualização da comparação feita entre os dois jornais, segue o quadro a seguir:

| Jornal <i>Folha de Londrina</i> * | Jornal <i>Matéria Prima</i> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| notícia nota reportagem editorial opinativo cartas do leitor artigo de opinião entrevista | notícia reportagem editorial descritivo editorial opinativo comentário do leitor crônica crítica coluna entrevista |

Quadro 2 - sinopse dos gêneros pertencentes ao Jornal *Folha de Londrina* e o Jornal *Matéria Prima*

*consideramos apenas os gêneros jornalísticos que entram na formação do profissional da área.

Procuramos, naturalmente, no presente trabalho, não esgotar os pontos de vista a cerca de um ou outro conceito arrolado. A intenção nossa, com as linhas acima, foi evidenciar a importância do Jornal *Matéria Prima* na formação universitária dos acadêmicos do curso de Jornalismo do CESUMAR. Reservamos, para estudos futuros, discussões mais aprofundadas acerca dos conceitos de *suporte*, *comunidade discursiva*, *gêneros discursivos*, *interação* em sala de aula por acreditar que o campo de linguagem jornalístico é de grande complexidade e, por isso, exige mais esforço do pesquisador que sobre ela se debruça. Sabemos que esse foi o primeiro passo, conhecer um dos nossos objetos de investigação, o jornal-laboratório *Matéria Prima*, para darmos continuidade à pesquisa maior que não só terá o foco no produto, mas também buscará compreender o processo de aquisição da escrita a partir dos gêneros de determinado campo de linguagem.

6. Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. DIONISIO, A.P. e HOFFNAGEL, J.C. (orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2005
- BONINI, A. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?* Revista Linguagem em (Dis)curso, 2003, v. 4, nº1.
- GRILLO, S. V. de C. *A noção de campo nas obras de Bourdieu e do Círculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso*. In Rev. ANPOLL, nº 19, Campinas, S.P, jul./dez. 2005, p. 151-184
- HEMAIS, B. e BIASI-RODRIGUES, B. “A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo dos gêneros textuais”. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. MEURER, J. L., BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- LOPES, D. F. *Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o leitor*. Soa Paulo: Summus, 1989.
- MARCUSCHI, L.A. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. (versão provisória de 18/05/2003).
- MELO, J.M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PESSONI, A. “O jornal-laboratório como ferramenta de ensino em Comunicação Social: A experiência do Semanário Digital UniFiam”. Disponível em: <http://www.fiamfaam.br/comunicacao/projetos>. Acesso: 21/05/2006.

RODRIGUES, R. H. “Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica do discurso: a abordagem de Bakhtin”. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.